PROVÉRBIOS E IRONIA NA NARRATIVA DE JOSÉ SARAMAGO

Maria Helena Sampaio Sereno
Grupo Val.Es.Co. – Universidade de Valência
Centro de Linguística da Universidade do Porto

0. Apesar da ideia corrente de que os provérbios, como vestígios de antigas civilizações, actualmente, são usados apenas por pessoas mais velhas, com objectivos didácticos e mensagens conservadoras, e que, consequentemente, se encontram fora de moda e em vias de extinção[1], um autor contemporâneo como José Saramago faz uso continuado do refraneiro nas páginas da sua criação literária.

Na tentativa de esclarecer este paradoxo, depois de apresentar a terminologia adoptada e da delimitação do conceito de provérbio, apreciaremos um corpus constituído pelas narrativas deste escritor. Começamos por estabelecer a extensão da frequência e distribuição deste tipo de enunciados nesta parte da sua obra, e, partindo da identificação dos mais utilizados[2], extrapolamos relações com a trama narrativa e analisamos exemplos de ocorrências, em contextos típicos e nas suas várias configurações.

1. Ao longo deste trabalho, preferimos a designação de «provérbio», mas socorremo-nos dos termos «enunciado fraseológico» e «parémia».

No âmbito dos estudos portugueses, o termo «provérbio» é largamente utilizado, desde as primeiras abordagens dos etnógrafos, folcloristas e filólogos

---

[1] Esta perspectiva, herança das explicações históricas positivistas, e as concepções racionalistas da gramática explicam o carácter marginal do seu estudo pelos investigadores da literatura, o desinteresse dos linguistas e por quê ainda hoje se justifica o título da colectânea de artigos *Proverbs are never out of season: popular wisdom in the modern age* (Mieder,93) e a proposta, contida na apresentação do número de *Langages* dedicado a «La parole proverbiale», de provar que os provérbios são dignos de interesse e constituem um subsistema do sistema geral da língua (Anscombre, 2000: 3).

[2] Os resultados quantitativos apresentados pertencem à análise, ainda em decurso, do corpus recolhido para a tese de doutoramento *As funções dos provérbios na narrativa de José Saramago,* tendo, por isso, carácter meramente ilustrativo. Como a publicação de *A Caverna* (2000) foi posterior à reunião do corpus, este romance não é considerado.

(como Leite Vasconcellos, Michäelis de Vasconcellos e Braga), baseadas em métodos comparativos e históricos, que explicavam, entre outros aspectos, a multiplicidade de designações conhecidas, até às recentes teses de doutoramento sobre esta matéria[3], já atentas a aspectos textuais e contrastivos. Nestes últimos trabalhos, a opção terminológica pode dever-se, quer à leitura de *The proverb* (Taylor, 31), pioneiro estudo extensivo e descritivo, e de *How proverbs mean*, que define linguisticamente o conceito e aprofunda a sua caracterização semântica, tendo em conta a interpretação padrão (Norrick, 85:1)[4], quer simplesmente reflectir o uso e a consciência linguística do português, que distingue *adágio, ditado, provérbio* e *rifão,* com carácter colectivo e anónimo, de *aforismo, apotegma, máxima*, criações individuais eruditas[5].

Quanto à designação «enunciado fraseológico», oposta a locuções (e colocações), é típica da fraseologia hispânica que segue a taxonomia de Zuluaga (Zuluaga, 80:135-139). A palavra «enunciado» consagra a dimensão superior ao sintagma e a autonomia comunicativa, testemunhando um enquadramento linguístico atento à relação entre formas e usos[6]. O adjectivo «fraseológico», derivado da designação «fraseologia» para expressões cristalizadas ocorrentes no discurso, resulta da influência dos estudos de estilística de Bally (Bally, 1909=1951:65-6) nos desenvolvimentos da linguística e semiologia. Com efeito, a partir dos anos sessenta, com as teorizações de Greimas, Coseriu e Permiakov, aprofunda-se a caracterização formal e interna das diversas unidades (principalmente, nos planos sintáctico-semântico e fónico), num esforço de descrição e delimitação, que contribui para estabelecer a estrutura do provérbio[7].

Ainda no mesmo quadro, décadas mais tarde, o incremento de estudos especializados sobre esta unidade, alguns influenciados pela pragmática, interessada no texto e na oralidade[8], justifica a proposta de adopção do termo neutro e genérico «parémia» para a necessária especificação de vários subtipos:

---

[3] Intituladas *Texto proverbial português: elementos para uma análise semântica e pragmática* (Lopes,92) e *A função do provérbio em Português e em Alemão: análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados* (Funk, 93).

[4] Esta focagem é continuada por *African-american proverbs in context*, que analisa actualizações de provérbios na oralidade e nos «blues», aplicando a teoria dos actos de fala (Prahlad, 96).

[5] No que não difere, substancialmente, das outras línguas românicas (Cunha,1882:6-20; Silva, 1989: 159-160; Conca,1987:55-58; Muñoz, 1993:15-18; Anscombre, 1997:41-45).

[6] Tais os casos de Corpas (Corpas, 96:50-52) e Ruiz (Ruiz, 98:25-51) que seguem esta tipologia, de resto, devedora de Casares (Casares, 50:167-242).

[7] Dentro dos contributos estruturalistas, há que destacar os trabalhos de Milner e Dundes. Além disso, todos estes estudiosos anotaram aspectos com incidência pragmática, como a natureza textual (Coseriu, 68=81:115-6) e de citação (Greimas, 60:56; Coseriu, 68=81:113-4), a importância da situação de comunicação (Arewa e Dundes, 64:262) e referencial (Permyakov, 70=79:20-1).

[8] São exemplos deste movimento *Paremiologia* (Conca, 87), *Los refranes en el Quijote: texto y contexto* (Colombi, 89) e *Análisis del discurso y paremias en H. de Balzac* (Navarro, 94).

propriamente ditas (rifão, provérbio, adágio e máxima, princípio, sentença, apotegma); jocosas ou irónicas (dialogismo, welerismo); científicas (aforismo); cavaleirescas (grito de guerra, divisa, parémia épica); publicitárias ou propagandísticas («slogan»); quasi-parémias; unidades linguísticas com alguns traços paremiológicos; unidades não pertencentes ao universo paremiológico que, às vezes, podem participar de alguma propriedade paremiológica (Sevilla, 93:15-19)[9].

1.1. Um provérbio é uma uma unidade discursiva, com autonomia sintáctico-semântica e funcional, em cuja enunciação o locutor reproduz tal qual uma sequência de fala já conhecida (Taylor, 31:135; Greimas, 60:56-7; Coseriu, 66:113; Zuluaga, 80:95, 139; Norrick, 85:67-8, 70; Corpas, 96:132), ou seja, trata-se de um potencial "turno" na fala, mas que, na conversação como na escrita, também se integra como texto, embora mínimo, dentro doutro texto mais longo (Coseriu, 66:115-6; Permiakov, 79=88:34-5; Norrick, 85:11-30; Zuluaga, 80:200-3; Lopes, 92:55-6; Corpas, 96:135-7; Anscombre, 2000:12--4). Consequentemente, consiste num discurso cujo criador, enunciador-primeiro, nunca coincide com o locutor ou enunciador-segundo, sendo um SE--enunciador[10], numa indeterminação que implica toda a comunidade linguística (Lopes, 92:56-8; Anscombre, 2000:10-12). Além disto, tal texto veicula uma mensagem de referência temporal e pessoal genérica, daí a possibilidade de aplicá-lo a múltiplas situações, pessoas e épocas (Permyakov, 70=79:17-20 e Permiakov, 79=88:63; Zuluaga, 80:196-7; Norrick, 85:70, 74-5; Lopes, 92:75-180; Corpas, 96:134, 137; Kleiber, 2000:41) e de desempenhar funções, quer de relação dos enunciados no texto ou respeitantes à globalidade textual, quer de comentário duma situação precisa (Zuluaga, 80:200-3; Lopes, 93:345--430; Corpas, 96:220-1, 226-33).

São propriedades frequentes nestes enunciados, mas facultativas na sua identificação: a nível prosódico, destacar-se pelo ritmo, marcado pela estrutura rítmica binária, regularidade métrica, cadência acentual, rima, assonância e aliteração (Taylor, 31:135-9; Greimas, 60:58-9; Arewa e Dundes, 64: 254-5; Zuluaga, 80:115-20; Norrick, 85:75-6; Anscombre, 2000:18-20,25-6); no plano léxico-semântico, deter sentido figurado (Taylor,31:141-3; Greimas, 60:58; Permyakov, 70=79:13 e Permiakov, 79=88:15-6; Norrick, 85:71, 75-6) e léxico estabelecedor de contrastes e repetições (Taylor, 31:143; Greimas, 60:

[9] Corpas, que defende o uso deste termo, refere como sub-tipos, rifão, citação, lugar-comum, «slogan» e os enunciados fraseológicos textuais (Corpas, 96:135-6).

[10] Traduzimos desta forma o conceito de Berrendonner retomado por Anscombre (Anscombre, 2000:11).

60-1; Dundes, 75=94:51-2, 57-8 Permyakov, 70=79:15; Zuluaga, 80:118; Norrick, 85:92-6); a configuração sintáctica conter paralelismos (Taylor, 31: 143; Greimas, 60:58-61; Permyakov, 70=79:17), encontrando-se os verbos no presente ou no imperativo (Greimas, 60:59); em termos enunciativos, ser apresentado por um afixo do tipo *Diz-se*, etc (Norrick, 85:45)[11].

2. Esta noção de provérbio e o confronto da nossa competência paremiológica com o refraneiro *Os provérbios estão vivos no Algarve* (Brazão, 98)[12] permitiram constituir o corpus com a distribuição evidenciada no Quadro 1 (consultar o anexo 1. Distribuição de ocorrências por narrativa).

Da leitura deste quadro, primeiro, sobressaem como romances mais paremiológicos, dada a correlação entre o número de páginas e de ocorrências[13], *Ensaio sobre a cegueira*, *Levantado do chão* ou *Jangada de pedra* (marcadas a sombreado), a seguir, o contraste entre os romances publicados antes da década de oitenta e as dadas à luz nesse decénio e seguinte[14] e ainda o número total de ocorrências (383)[15].

Este número corresponde ao emprego de um elevado número de parémias (228), já que 127 aparecem apenas uma vez, surgindo repetidos (até sete vezes), os restantes 101, de que expomos os quinze mais frequentes no Quadro 2 (ver anexo 2. Listagem de provérbios com frequência superior a 3, com localização na narrativa).

Na leitura deste inventário, é quase quase imediata a associação entre determinados provérbios e romances: seja *Em terra de cegos quem tem olho é rei* e *Olhos não vêem, coração não sente* com *Ensaio sobre a cegueira*, que narra as vivências de um país assolado por uma epidemia de cegueira branca, con-

---

[11] Para acompanhar o percurso teórico que subjaz a esta definição, ver o ponto 1. de "*O sol, quando nasce, é para todos* – provérbio e ocorrências", a publicar no *Volume comemorativo dos 25 anos do CLUP*.

[12] Seleccionada como principal documentação, por resultar de uma recolha oral, logo repositório dos provérbios com vitalidade no Português contemporâneo, e por possuir a virtualidade prática de um índice remissivo. Por este último motivo, consultámos também, em casos de dúvida, *Provérbios portugueses* (Moreira, 96).

[13] Que calculamos servindo-nos de uma regra de três simples, no sentido de estabelecer a média do numero de provérbios por página em cada narrativa.

[14] Nas primeiras, deparamos com um número reduzido de ocorrências, enquanto nas últimas se situam as de frequências mais elevadas, num contraste explicável, entre outos aspectos, pela evolução de estilo do autor (Seixo, 87:33, 38-9; Reis, 98:11-27).

[15] Para lá destas, o corpus contém um número de ocorrências de parémias não confirmadas que ascende a 211, entre as quais se encontram, além de eventuais provérbios e frases proverbiais não registados, sentenças de José Saramago e outros autores, provérbios de outros idiomas e até algumas locuções.

centrando-se num grupo liderado por uma mulher que não perdeu a visão, seja *No melhor pano cai a nódoa*, com a *História do cerco de Lisboa*, que conta as peripécias de um compenetrado revisor que voluntariamente altera o texto de uma história do cerco de Lisboa[16]. Além disso, a listagem obtida ostenta algumas das temáticas centrais na obra ficcional do autor – o tempo (Seixo, 87:13, 40-1), o destino (Seixo, 87:39, 53) e o erro (Seixo, 87:43,54)[17].

2.1. Este tipo de interpretação e os dados apresentados poderiam fazer supor uma identificação do autor com o sentido destes provérbios, contudo a leitura de alguns dos seus entornos discursivos desmente essa impressão (leia-se o anexo 3. Contextos de ocorrências).

O excerto (1) contém, em primeiro lugar, uma exploração do potencial significativo do provérbio, tendo em conta a situação anímica de hipotéticos sujeitos falantes (do início do parágrafo e capítulo até «atreita a prever o pior.»), em segundo lugar, a total identificação do narrador com o seu conteúdo, envolvendo o narratário, através da utilização da primeira pessoa do plural (a partir de «Não seria de todo crível» até «atrás de tempo, tempo.»), e, por último, a atribuição de uma atitude crítica sobre a parémia à personagem principal, figura simbólica importante na nossa cultura, num contraste que, aliado à mudança de registo, resulta humorístico (desde «Sendo Jesus o evidente herói» até «mandar-nos-ia passear.»).

Na passagem (2), depois da citação do provérbio em duas variantes, que comprovam a generalidade do seu emprego, e de aplicá-lo à situação descrita, o narrador explicitamente pospõe a esta interpretação um ponto de interrogação e reticências.

Quanto ao extracto (3), atendendo ao valor alegórico do universo descrito neste romance e à dimensão ideológica subjacente à obra do autor, a citação do provérbio e o comentário seguinte induzem a uma leitura irónica.

2.2. Além disso, verificamos que somente alguns dos enunciados fraseológicos são reproduzidos na forma registada pelos paremiógrafos, já que a maioria das ocorrências apresenta alterações (261 em 383), de que veremos exem-

[16] Não tão flagrantes, mas igualmente pertinentes, são as relações de *As palavras são como as cerejas, atrás de umas vêm outras* com *Levantado do chão*, epopeia dos trabalhadores alentejanos em que a circulação de determinadas mensagens orais era uma forma de resistência política, e *O hábito não faz o monge* com *Memorial do convento*, galeria da organização social e política setecentista, onde a hipocrisia dos representantes da Igreja é posta a nu.

[17] Especialmente, *Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe, Atrás de tempos, tempos vêm, O que tem de ser tem muita força, O sol, quando nasce, é para todos, Há males que vêm por bem, Cada coisa a seu tempo, Ningém foge ao seu destino, O que tem de ser tem muita força, Uma desgraça nunca vem só.*

plos de algumas efectuadas sobre os provérbios mais frequentes, classificadas de acordo com a proposta de Corpas (Corpas, 96:233-256) [18].

(1) No dia seguinte, uns mais cedo, outros mais tarde, porque **o sol não nasce ao mesmo tempo para todos os cegos**, (*EC*, p. 195) [19]

Neste início de parágrafo, o autor realça o significado unitário das componentes de *O sol, quando nasce, é pra todos*, reliteralizando as metáforas que o conformam (Corpas, 96:236)[20].

(2) Nunca se sabe, nunca se sabe, **os melhores panos não servem apenas para neles caírem as nódoas**, Se já como revisor estou condenado às penas do inferno, imagina que destino seria o meu como autor, (*HCL*, p. 301)

De modo oposto, a alusão, pela livre combinação de palavras que formam o enunciado *No melhor pano cai a [maior] nódoa*, destaca o significado compositivo (Corpas, 96:239), neste caso, operando também uma inversão da sua interpretação padrão[21].

(3) Mas esta cidade, mais do que todas, é uma boca que mastiga de sobejo para um lado e de escasso para o outro, [...]. Porém, **a quaresma, como o sol, quando nasce é para todos**. (*MC*, p. 27)

Procede-se à ampliação de *O sol, quando nasce, é pra todos*, adicionando elementos externos (Corpas, 96:240)[22], aqui, *a quaresma*, que quase inverte a interpretação padrão.

(4) Porém, **não há bem que sempre dure**. Acabaram as férias de Lídia, tudo voltou ao que dantes era, (*AMRR*, p. 357)

---

[18] Este proposta tem a vantagem de distinguir entre manipulações externas, que não afectam a estrutura formal, mas alteram o conteúdo semântico (aqui, coincidentes com (1) e (2)) e internas, procedimentos, que atingem a estrutura formal, tanto no inventário dos componentes, como nas suas relações sintácticas (do exemplo (3) ao (7)) (Corpas, 96:251). Todavia, o corpus em análise recomenda a especificação de algumas categorias, tal como veremos adiante.

[19] Destacamos a ocorrência proverbial em negrita e, para identificação da narrativa, utilizamos o código de abreviaturas do Quadro 2 (ver nota n.º 32).

[20] A distinção entre significado unitário e compositivo ou idiomático prende-se com o reconhecimento de que, geralmente, o significado global duma unidade fraseológica não é dedutível do significado isolado de cada um dos elementos constitutivos (Corpas, 96:26-7). Naturalmente, só as unidades que apresentem várias leituras potenciais – de carácter compositivo e unitário – permitem este processo de modificação (Corpas, 96:236).

[21] Pela inserção de *não...apenas*, transformação por negação que pensamos dever ser contemplada numa classificação desta índole.

[22] Poderíamos distinguir entre adições lexicais, como a do exemplo que seleccionámos, e expansões conversacionais ou repetições, processos referidos por Norrick (Norrick, 85:45).

Pelo contrário, opera-se a redução de *Não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe* (Corpas, 96:241)[23].

(5) **uma palavra nunca vem só**, mesmo a palavra solidão precisa de quem a sofra, e ainda bem. (*LC*, p. 331)

Neste caso, dá-se a substituição de um dos componentes de *Uma desgraça nunca vem só* por outra unidade léxica, aqui, *desgraça* por *palavra* (Corpas, 96:243)[24].

(6) Meteu a mão ao buraco e tirou-a para fora, era apenas a tijela comum de que se lembrava, [...], bem certo é o que se tem dito que cada pessoa tem a sua hora e **cada coisa o seu tempo**. (*ESJC*, p. 197)

Verifica-se alteração gramatical, respeitante às relações sintácticas dos membros integrantes, numa adaptação ao contexto de *Cada coisa a seu tempo* (Corpas, 96:246)[25].

(7) dizia-se, agora **os olhos que não vêem gozam de um estômago insensível**, por isso se comem tantas porcarias por aí. (*EC*, p. 250)

Patenteia a combinação de vários procedimentos (Corpas, 96:248), substituição léxica (de *coração* por *estômago*) e modificação gramatical (transformação da construção bi-oracional em mono-oracional), através da inserção do verbo *gozar*, que cria, a partir do provérbio *Olhos não vêem, coração não sente,* um novo enunciado fraseológico[26].

3. A revisão efectuada atesta que a narrativa de José Saramago contém um destacado número de ocorrências proverbiais correspondente ao emprego de uma variedade consideravelmente extensa de provérbios.

Se muitas das frequências mais elevadas não deixam de se relacionar com os grandes temas de reflexão da sua obra – em síntese, a experiência do sujeito (também do sujeito da escrita) no tempo e o confronto entre o fatalismo e a esperança na realização humana (Seixo, 87:39)-, vimos que o emprego de

[23] Lopes refere-o como citação truncada (Lopes, 92:415) e Norrick propõe designar como «kernel» esta unidade mínima reconhecível (Norrick, 85:45).

[24] Lopes nota que este processo quebra uma expectativa, fomenta a curiosidade do leitor, numa estratégia de eficácia perlocutória, baseada no jogo e na desconstrução lúdica (Lopes, 92:414).

[25] Este tipo inclui alterações morfológicas (Corpas, 96:246).

[26] Neste grupo de provérbios, não dispomos de qualquer exemplo de fusão de várias unidades (Corpas, 96:250), nem do último tipo considerado na taxonomia, a ilustração (Corpas, 96:251).

muitos provérbios exibia processos como o humor, polémica e ironia, que parodiavam, questionavam e duplicavam o sentido destas parémias.

Além disto, verificamos deliberadas manipulações destes enunciados (literalização, alusão, adição, redução, substituição, gramatical e combinação[27]), algumas reveladoras dum mero processo de plasticidade morfossintáctica, mas outras que afectam, além da forma registada na tradição paremiográfica, a sua interpretação padrão[28].

A recorrência destas estratégias de índole estético-literária, tendentes a criar novos provérbios ou a transfigurar a sua performance, num uso inovador, lúdico e até subversivo, ao serem dominantes relativamente ao processo de citação-reprodução, o menos usual neste corpus, levam-nos a concluir que o emprego de provérbios por este autor, mais do que traduzir aproximação e fascínio, revela distanciamento e crítica[29].

Tal atitude remete-nos à postura inovadora e até iconoclasta de José Saramago, em domínios sociais e religiosos ou de técnica narrativa e estilística, que é, em última análise, expressão do «ilimitado entusiasmo» e do «cepticismo radical» (Seixo, 87:16) com que retrata a condição humana[30].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSCOMBRE, J-C., 2000, "Parole proverbiale et structures métriques" in *Langages*, 139 (La parole proverbiale), pp. 6-26.

BALLY, C., 1909=1951, *Traité de stylistique française*, Paris, Librairie Klincksieck, Vol. I.

BRAGA, T., 1885, *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa, Livraria Ferreira, Livro III, Cap. I, pp. 335-397.

BRAZÃO, J., 1998, *Os provérbios estão vivos no Algarve*, Lisboa, Editorial Notícias.

CASARES, J., 1950, "Introducción a la lexicografía moderna" in *Revista de Filología Española*, LII.

COLOMBI, C., 1989, *Los refranes en el Quijote: texto y contexto*, Maryland, Scripta Humanística.

CONCA, M., 1987, *Paremiologia*, València, Universitat de València.

CORPAS PASTOR, G., 1996, *Manual de fraseología española*, Madrid, Gredos.

---

[27] Apresentada esta tipologia, a autora comenta que as manipulações provocam uma dupla leitura, tanto da unidade modificada, como da original, numa retórica de humor e persuasão (Corpas, 96: 256-8).

[28] Comparando conversações, textos de imprensa e literatura, Norrick sublinha que, pelo menos, desde o Renascimento, os provérbios servem de moldes sintácticos e semânticos à criação de novas parémias (Norrick, 85:18-22), o que é um factor essencial da sua revitalização (Norrick, 85:169).

[29] Ao analisar textos jornalísticos, Lopes refere a intenção meramente lúdica e a intenção "militante" de subversão, e, em nota, afirma que, ao distorcer as condições genéricas da enunciação proverbial, se procede à paródia do próprio género proverbial (Lopes, 92:427-8).

[30] Outro aspecto a ter em conta para matizar as conclusões extrapoláveis dos dados apresentados é a voz que cita os provérbios, nível que consideraremos num futuro trabalho.

COSERIU, E., 1966=1991, "Introducción al estudio estrutural del léxico" in *Principios de semántica estrutural*, Madrid, Gredos, pp. 87-142

DOMÍNGUEZ, F., 1994, *Análisis del discurso y paremias en H. de Balzac*, Murcia, Universidad de Murcia.

DUNDES, A., 1975, "On the structure of the proverb" in *Proverbium*, 25, pp. 961- 973.

DUNDES, A., 1964, "Texture, text and context" in *Southern Folklore Quarterly*, 28, pp. 251--265.

FUNK, G., 1993, *A função do provérbio em Português e em Alemão: análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, tese de doutoramento.

GREIMAS, A., 1960, "Idiotismes, proverbes, dictons" in *Cahiers de Lexicologie*, Vol. 2, pp. 41--66.

KLEIBER, G., 2000, "Sur le sens des proverbs" in *Langages*, 139 (La parole proverbiale), pp. 39--58.

LOPES, A., 1992, *Texto proverbial português: elementos para uma análise semântica e pragmática*, Coimbra, Universidade de Coimbra, tese de doutoramento.

MIEDER, W., 1993, *Proverbs are never out of season: popular wisdom in the modern age*, New York, Oxford University Press.

MILNER, G., 1969, "Quadripartite structures" in *Proverbium*, 14, pp. 379-383.

MOREIRA, A., 1996, *Provérbios portugueses*, Lisboa, Editorial Notícias.

SERENO, H., "O sol, quando nasce, é para todos" in *Volume comemorativo dos 25 anos do CLUP*, Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, no prelo.

SEVILLA MUÑOZ, J., 1993, "La paremias españolas: classificación, definición y correspondencia francesa" in *Paremia*, 2, pp. 15-20.

NORRICK, N., 1985, *How proverbs mean*, Berlin, Mouton Publishers.

PERMYAKOV, G., 1970=1979, *From proverb to folk-tale Notes on the general theory of cliché*, Moscow, Central Department of Oriental Literature. Cap. I, pp. 9-31.

PERMIAKOV, G., 1979=88, "La grammaire de la sagesse proverbiale" in *Tel grain, tel pain: poétique de la sagesse populaire*, Moscou, Éditions du Progrés, pp. 11-81.

PRAHLAD, A., 1996, *African-American proverbs in context*, Mississipi, University Press of Mississipi.

RUIZ GURILLO, L., 1998, *La fraseología del español coloquial*, Barcelona, Editorial Ariel.

REIS, C., 1998, *Diálogos com José Saramago*, Lisboa, Caminho.

SEIXO, A., 1987, *O essencial sobre José Saramago*, s.l., Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SILVA, J., 1989, "Os adágios e a sua recolha" in *Revista Lusitana (Nova série)*, 10, pp. 157-187.

TAYLOR, A., 1931=1985, *The proverb*, Bern, Peter Lang.

VASCONCELLOS, C., 1905=1986, "Mil provérbios portugueses" in *Revista Lusitana (Nova Série)*, 7, Lisboa, pp. 29-71.

VASCONCELLOS, J., 1891, *Ensaios etnographicos*, Espozende, pp. 114-190 e 245-256

ZULUAGA, A., 1980, *Introducción al estudio de las expresiones fijas*, Frankfurt, Peter Lang.

ANEXOS

1. Distribuição de provérbios por narrativa

NARRATIVAS[31]	N.º de ocorrências	N.º de pp.	Correlação
Terra do pecado, 1947	1	290	0,003
Manual de pintura e caligrafia, 1977	7	311	0,02
Objecto quase, 1978	3	138	0,02
Levantado do chão, 1980	59	366	0,16
Memorial do convento, 1982	44	359	0,12
O ano da morte de Ricardo Reis, 1984	60	415	0,14
A jangada de pedra, 1986	53	330	0,16
História do cerco de Lisboa, 1989	44	348	0,12
O evangelho segundo Jesus Cristo, 1991	33	445	0,10
Ensaio sobre a cegueira, 1995	55	310	0,17
Todos os nomes, 1997	23	279	0,08
O conto da ilha desconhecida, 1997	1	35	0,02
TOTAL		383	

[31] Para cada um, utilizamos as edições seguidamente indicadas: *Terra do Pecado*, 2ª ed. (1997), *Manual de pintura e caligrafia*, 4ª ed. (1993), *Objecto quase*, 3ª ed. (1986), *Levantado do chão*, 10ª ed. (1994), *Memorial do convento*, 24ª ed. (1995), *O ano da morte de Ricardo Reis*, 9ª ed. (1986), *A jangada de pedra*, 2ª ed. (1986), *História do cerco de Lisboa*, 1ª ed. (1989), *O evangelho segundo Jesus Cristo*, 2ª ed. (1991), *Ensaio sobre a cegueira*, 2ª ed. (1995), *Todos os nomes*, 1ª ed. (1997), *O conto da ilha desconhecida*, 1ª ed. (1997).

2. Listagem de provérbios com frequência superior a 3, com localização na narrativa.

NARRATIVAS[32] / PROVÉRBIOS	TP	MPC	OQ	LC	MC	AMRR	JP	HCL	ESJC	EC	TN	CID	Nº
Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.					***	*	*			**			7
O que tem de ser tem muita força.						*	***				***		7
Atrás de tempos, tempos vêm.						**		*	***				6
O sol, quando nasce, é pra todos.					**	*				**	*		6
Há males que vêm por bem.					*		**	*		*			5
No melhor pano cai a [maior] nódoa.								*****					5
Uma desgraça nunca vem só.				**	*	*	*						5

[32] Por economia de espaço, abreviámos os títulos: TP (*Terra do pecado*), MPC (*Manual de pintura e caligrafia*), OQ (*Objecto quase um objecto*), LC (*Levantado do chão*), MC (*Memorial do convento*), AMRR (*O ano da morte de Ricardo Reis*), JP (*A jangada de pedra*), HCL (*História do cerco de Lisboa*), ESJC (*O evangelho segundo Jesus Cristo*), EC (*Ensaio sobre a cegueira*), TN (*Todos os nomes*) e CID (*O conto da ilha desconhecida*).

NARRATIVAS[32] / PROVÉRBIOS	TP	MPC	OQ	LC	MC	AMRR	JP	HCL	ESJC	EC	TN	CID	Nº
Cada coisa a seu tempo.					**	*			*				4
Candeia que vai à frente, alumeia duas vezes				*		*		*		*			4
Deus castiga sem pau nem pedra.					*	*			*	*			4
Em terra de cegos, quem tem olho é rei										****			4
Ninguém foge ao seu destino.						***	*						4
O hábito não faz o monge.					**	*				*			4
Olhos não vêem, coração não sente.				*						**	*		4
Tantas vezes vai a cantarinha à fonte que lá fica a asa.		**						*	*				4

4. Contextos de ocorrências[33]

1) **Atrás de tempo, tempo vem**, é sentença conhecida e de muita aplicação, porém não tão óbvia quanto pode parecer a quem se satisfaça com o significado próximo das palavras soltas, uma por uma, quer juntas e articuladas, pois tudo vai é da maneira de dizer, e esta varia com o sentimento de quem as expresse, não é o mesmo pronunciá-las alguém que, correndo-lhe mal a vida, espere dias melhores, ou atirá-las como ameaça, como prometida vingança que o futuro haverá de cumprir. O caso mais extremo seria o de uma pessoa que, sem fortes e objectivas razões de queixa quanto à sua saúde e bem-estar, suspirasse melancolicamente, **Atrás de tempo, tempo vem**, só por ser de natureza pessimista e atreita a prever o pior. Não seria de todo crível que Jesus, na sua idade, andasse com estas palavras na boca, qualquer que fosse o sentido em que as usasse, mas nós, sim, que, como Deus, tudo sabemos do tempo que foi, é e há-de ser, nós podemos pronunciá-las, murmurá-las ou suspirá-las enquanto o vamos vendo entregue à sua faina de pastor, por essas montanhas de Judá, ou descendo, no tempo próprio, ao vale do Jordão. E não tanto por de Jesus se tratar, mas porque todo o ser humano tem por diante, em cada momento da sua vida, coisas boas e coisas más, atrás de umas, outras, **atrás de tempo, tempo.** Sendo Jesus o evidente herói deste evangelho, que nunca teve o propósito desconsiderado de contrariar o que escreveram outros e portanto não ousará dizer que não aconteceu o que aconteceu, pondo no lugar de um Sim um Não, sendo Jesus esse herói e conhecidas as suas façanhas, ser-nos-ia muito fácil chegar ao pé dele e anunciar-lhe o futuro, o bom e maravilhoso que será a sua vida, milagres que darão de comer, outros que reconstituirão a saúde, um que vencerá a morte, mas não seria sensato fazê-lo, porque o moço, ainda que dotado para a religião e entendido em patriarcas e profetas, goza do robusto cepticismo próprio da sua idade e mandar-nos-ia passear. (Saramago, J., *Evangelho segundo Jesus Cristo*, pp. 239-40)

2) Um comentador de televisão teve o rasgo de encontrar a metáfora justa quando comparou a epidemia, ou fosse lá o que fosse, a uma flecha lançada para o alto, a qual ao atingir o acúmen da ascensão, se detém um momento, como suspensa, e logo começa a descrever a obrigatória curva ascendente, que, querendo-o Deus, com esta invocação regressava o comentador à trivialidade das trocas humanas e à epidemia propriamente dita, a gravidade tratará de acelerar, até que desapareça o terrível pesadelo que nos atormenta, meia dúzia de palavras estas que constantemente apareciam nos distintos meios de comunicação social, os quais sempre acabavam por formular o piedoso voto de que os infelizes cegos viessem a recuperar em breve a visão perdida, prometendo-lhes, entretanto, a solidariedade de todo o corpo social organizado, tanto o oficial quanto o privado. Num passado remoto, razões e metáforas semelhantes haviam sido traduzidas pelo impertérrito optimismo da gente do comum em ditérios como este, **Não há bem que sempre dure, nem mal que ature**, ou, em versão literária, **Assim como não há bem que sempre dure, também não há mal que sempre dure**, máximas supremas de quem teve tempo para aprender com os baldões da vida e da fortuna e que, transportadas para a terra dos cegos, deverão ser lidas como segue, Ontem vimos, hoje não vemos, amanhã veremos,

[33] Destacamos em negrita as ocorrências dos provérbios em análise.

com uma ligeira entoação interrogativa no terço final da frase, como se a prudência, no último instante, tivesse decidido, pelo sim, pelo não, acrescentar a reticência de uma dúvida à esperançadora conclusão. (Saramago, J., *Ensaio sobre a cegueira*, p. 123)

3) Aos poucos, sob a luz amarelada e suja das lâmpadas débeis, a camarata foi entrando num sono profundo, reconfortados os corpos pelas três refeições do dia, como antes raramente havia sucedido. A continuarem assim as coisas, acabaremos, uma vez mais, por ter de chegar à conclusão de que **mesmo nos males piores, é possível achar-se uma porção de bem** suficiente para que os levemos, aos ditos males, com paciência, o que, transportado para a presente situação, significa que, contrariamente às primeiras e inquietantes previsões, a concentração dos alimentos em um única entidade rateadora e distribuidora tinha, afinal, os seus aspectos positivos, por muito que se queixassem alguns idealistas que teriam preferido continuar a lutar pelos seus próprios meios, mesmo tendo de passar por causa dessa teimosia alguma fome. (Saramago, J., *Ensaio sobre a cegueira*, p. 151)